

## LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL (LABFORM) - 8º CICLO DE ATIVIDADES

### 3ª SÉRIE

OBS.: Realize apenas as atividades, aqui presentes, solicitadas pelos(as) professores(as) da sua habilitação.

Disciplina: Filosofia

Professor: Marcus Pedroza

Orientações:

### **SE DERRUBÁSSEMOS ESTÁTUAS POR AQUI EM PROTESTOS, NOS CHAMARIAM DE VÂNDALOS E NÃO DE HERÓIS**

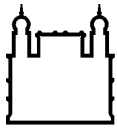
[Suzane Jardim, Gabrielle Nascimento](#)

Publicado em The Intercept no dia 9 de Junho de 2020

EM 2017, uma petição surgiu na internet [pedindo a retirada do monumento em homenagem a Edward Colston do centro da cidade de Bristol](#), Inglaterra. Na última atualização, constavam mais de 11 mil assinaturas. A discussão surgiu com força após o [confronto violento entre supremacistas brancos e antifascistas em Charlottesville](#), Estados Unidos, que também teve uma estátua como estopim.

Na Wikipédia, consta que Colston foi “o grande benfeitor de Bristol” por causa de suas doações para a construção de escolas, hospitais, igrejas e associações de caridade. Um homem generoso e humanista, qualquer um diria. Mas bondade sem dinheiro raramente rende uma estátua no centro de uma cidade, e o que gerou a petição foi o desconforto ligado à origem da fortuna de Colston.

No século 17, o “grande altruísta” se tornou sócio da Royal African Company, a RAC, empresa britânica que detinha o monopólio do comércio em torno da captura e tráfico de escravos. Mais de 84 mil africanos foram escravizados com participação direta da companhia na época em que Colston também lucrava com ela. E não era só ele. Diversos homens notáveis foram sócios da organização escravista – entre eles, John Locke, um dos mais influentes pensadores do iluminismo, considerado o “pai do liberalismo” (Locke depois parece ter ‘mudado de ideia’ sobre a escravidão em seus escritos). A RAC não durou muito, pois a concorrência, principalmente a portuguesa (responsável pelo tráfico que trouxe os mais de 4 milhões de africanos escravizados ao Brasil), levou a empresa à falência



Três anos após Charlottesville, a petição e notas de repúdio sobre à estátua do escravista, um grupo presente no protesto do Black Lives Matter decidiu resolver tudo com as próprias mãos e, no domingo, 7 de junho, todos nós assistimos ao feito. Em [vídeo](#), diversas pessoas derrubaram a estátua de seu pedestal e a arrastaram pelas ruas até finalmente a atirarem no rio que corta a cidade. Uma ação direta inspirada na revolta iniciada em Minneapolis, Estados Unidos, após a [morte violenta de George Floyd](#), um homem negro de 49 anos que foi asfixiado por um policial branco em uma abordagem.

Outros países como a [França](#), [México](#), [Alemanha](#), [África do Sul](#) e [Reino Unido](#) aderiram às manifestações norte-americanas e reivindicaram a vida de pessoas negras nas ruas. No Brasil, [país com a polícia que mais mata no mundo](#), organizações do movimento negro, assim como torcidas organizadas e trabalhadores precarizados, convocaram uma retomada popular das ruas gerando uma discussão intensa: ir ou não ir? É momento para aglomerações?

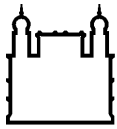
A preocupação é justa, afinal a [curva de contágio por covid-19 segue crescente](#) e, contra ela, só temos duas defesas: medidas de higiene básica e um isolamento social fraco de uma quarentena que de fato nunca começou e nem garantiu condições para que todos estivessem mesmo em casa. Entre os negros em luta, pesa o fato que a [doença não é tão democrática](#) quanto alguns fizeram parecer. Na verdade, a pandemia escancarou ainda mais as desigualdades sociais e raciais que estruturam nosso país.

A celebridade contando nos stories como passa o tempo em que está “parada” em casa não é a realidade do nosso país. Desempregados e trabalhadores informais não tiveram a chance de parar, mesmo com o auxílio emergencial – afinal, R\$ 600 não paga sequer um aluguel em muitos dos centros urbanos brasileiros. Entregadores e motoristas de aplicativos, domésticas, camelôs e marreteiros, entre outros setores precarizados, não conheceram o home office e estão arriscando suas vidas diariamente nas ruas e transportes públicos para garantir o mínimo de sustento.

Quem não se arrisca para trabalhar, se arrisca para ajudar aqueles que não são assistidos – movimentos de favelas e campanhas de solidariedade nas periferias [estão nas ruas](#) para fazer a escuta e dar a assistência que o estado não dá. Ou seja, já há uma maioria de negra que permanece em risco, não isolada e ocupando as ruas pela necessidade. Como negar o grito a esse pessoal, principalmente ao lembrarmos que quem também não “parou” foram as forças militares?

Em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, a Polícia Militar [metralhou uma casa em que estava João Pedro](#), atingido por um fuzil e assassinado aos 14 anos. Na mesma cidade, [organizações que entregavam cestas básicas para moradores das favelas cariocas tiveram ações interrompidas por operações policiais](#). [Em São Paulo, durante o mês de maio a polícia militar matou uma pessoa a cada 6 horas](#), em plena quarentena. Tudo isso acontecendo enquanto os Estados Unidos começaram a queimar na mão de manifestantes.

A verdade é que nunca houve um só momento da história do Brasil em que não estivesse ocorrendo um massacre. A própria “fundação” oficial do país anuncia um genocídio: [se em 1500 cerca de 3 milhões de indígenas aqui estavam, 70 anos após a invasão portuguesa esse número caiu mais da metade](#). Você deve achar que isso é coisa do passado, como as ligações de Edward Colston com a escravidão. Mas cabe lembrar que nunca houve um luto público por esses corpos que viraram quase que argamassa de cada centímetro quadrado desse país. Pelo



contrário, muitas vezes até mesmo o luto privado tem sido interdito. Mães que precisam ouvir que as vidas de seus filhos não são passíveis de serem lembradas porque ‘tinham antecedentes criminais’, logo precisavam morrer. Movimentos de favela que queimam, sim, as ruas, mas ninguém se importa, vibra ou põe no Instagram, afinal, as vidas perdidas que eles reclamam não eram assim tão importantes e nem internacionais.

É preciso então mudar os fatores desse discurso: não se está convocando o povo às ruas “apesar” dos [mais de 35 mil mortos](#), mas sim porque mais de 35 mil pessoas morreram. Porque [João Pedro](#) morreu. Porque George Floyd morreu. Porque [Amarildo](#) e [Cláudia Ferreira](#) morreram. Porque desmantelaram o Quilombo de Palmares. Porque aqui a vida sempre valeu muito pouco. E porque é assim que o capitalismo organizou nossa sociedade: para matar determinados corpos.

Ok, você entende, a causa é legítima, mas falta “organização” e estratégia – foi o que disseram, certo? Curiosamente, o povo é herói quando se organiza para entregar cestas básicas, mas é confundido com quem quer fazer ‘micareta’ ou tido como ‘irresponsável’ quando está organizado por seu luto público, por seu ódio e seus bastas. Ignora-se aí as diversas estratégias já utilizadas – organizar entregadores de aplicativo é uma delas, formar um cordão de advogados negros na linha de frente de um ato para vigiarem preceitos legais na abordagem policial, como ocorre no Rio de Janeiro, é outra.

A própria estátua rolando no rio inglês foi uma estratégia organizada – ação direta, tática ligada à desobediência civil, aos autonomistas e movimentos antifascistas, ‘coisa de branco’, ‘que obscurece o antirracismo’ irão dizer, mas que foi usada exatamente para botar no chão um símbolo da racionalidade colonial e escravista recheado do ‘humanismo’ e da generosidade liberal burguesa que já não aceitamos mais que seja a base de construção de nosso mundo. Se fosse uma estátua tombando por aqui, talvez surgisse alguém gritando “INFILTRADO” ou dizendo que isso ‘invalida a luta’ e irá ser usado para ‘justificar o endurecimento do regime’. A questão, amigo, é que o endurecimento já aconteceu e você nem viu. (...)

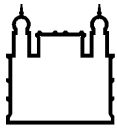
## **O rabo entre as pernas deveria ser objeto de um escultor para uma estátua: O ethos linguístico das redes sociais deixou o debate público burro e covarde**

Há muito que a atividade do pensamento é uma atividade de risco. Existe uma pauta que paira sobre nossa cabeça: pensar de modo correto, apoiar as causas corretas, do contrário você será objeto de cancelamento, linchamento, perda de espaço profissional e de amigos.

De todos os vícios, o mais adaptativo é a covardia. A fúria para se provar “corretx” nunca foi tão furiosa.

Com as redes sociais, o mundo do pensamento ficou mais burro, tecnicamente falando: o ethos das redes é ter uma linguagem agressiva, infantil, pobre e polarizada. Isso engaja.

Para emitir uma opinião que não apresente tais características, você tem que ter um pouquinho da coragem de um Churchill, um Colombo, um Stálin ou um [Borba Gato](#). Mas figuras como essas são de difícil compreensão para uma mente cunhada numa linguagem agressiva, infantil, pobre e polarizada. Diga-me como falas e te direi quem és. Dizendo numa linguagem técnica: o ethos linguístico das redes sociais deixou o debate público burro e covarde.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

Há exemplos claros desse tipo de linguagem do ethos de redes sociais (que contaminou o jornalismo, a política e a gestão pública). Se você critica o inapto governo Bolsonaro você é “comunista!” (de todos os xingamentos atuais, o mais chique, afinal, Lênin, Stálin e Trotsky tinham charme no seu estilo de massacrar pessoas em nome da causa do bem social); “fascista!”, se você critica a gangue do PT; “racista!” (hoje o xingamento mais mortal), se você critica, em nome do patrimônio histórico, o ato de derrubar estátuas.

Mas a irracionalidade corretamente motivada está nas ruas. Se você quer abrir o comércio, algum cientista de ocasião dirá que você é ganancioso. Se você se aglomerar no mundo inteiro aos milhares por uma causa justa (combater o racismo e a [violência policial](#) é uma causa justa), o cientista de ocasião dirá que nesse caso pode. O gestor público dará autorização oficial e a mídia, sua bênção moral. Afinal, só escrotos não são contra o racismo hoje.

O que alguém minimamente normal pensará no silêncio de sua solidão confinada? A epidemia é, afinal de contas, mais política do que viral. Por quê? Óbvio: ganancioso passa vírus e mata o outro, bem-intencionado politicamente não passa vírus e não mata o outro.

Ou: entendi! Existem causas pelas quais vale morrer! Mesmo que seja matando alguém que nada tinha a ver com ela. A velha ética das guerras. Que os cientistas de ocasião cessem os pedidos universais por confinamento e determinem de uma vez o que vale acima da epidemia.

O que faz o coitado do jornalista ou do intelectual público? Trai a contradição epidemiológica clara do cientista de ocasião, do gestor público e da mídia? Diz que destruir estátuas (patrimônio histórico) é coisa de gente ignorante? Ou põe o rabo entre as pernas e repete as frases, análises e julgamentos adaptados ao mercado das profissões e eleições?

O rabo entre as pernas deveria ser objeto de algum escultor que fizesse uma estátua em homenagem a essa atitude que é a mais adaptada da história do mundo.

Em 1918, na Filadélfia, creio, uma manifestação em meio à gripe espanhola para motivar os jovens americanos que iam lutar contra os cruéis alemães ampliou o número de mortos pela doença na semana seguinte.

Pergunta: será que alguns dos cientistas de ocasião terão um pouquinho da coragem do Churchill, do Colombo, do Stálin e do Borba Gato para investigar em que medida as manifestações contra o racismo (sem dúvida justificáveis politicamente) espalharam mais o coronavírus? Duvido. O ethos hoje é covarde em sua essência.

Que tal queimar os livros do Rousseau ou do Voltaire, já que eles, aparentemente, investiram, em algum momento, no tráfico de escravos? Ou mesmo derrubar o Coliseu porque ali escravos gladiadores se matavam enquanto o “povo” entrava em êxtase? Ou queimar os livros de Marx, já que ele, ainda que judeu, fosse um antissemita convicto? Ou destruir todas as estátuas gregas e as pirâmides do Egito, já que ali todos os ricos viviam às custas dos escravos? O que nos dizem os historiadores de ocasião?

Luiz Felipe Pondé

Publicado originalmente na Folha de SP de 15/06/2020

## Questão:

A derruba de estátuas ocorrida em protestos por conta do brutal assassinato de George Floyd divide opiniões ao redor do mundo. A partir dos textos de referência desta atividade



Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



problematize a possibilidade de aumento de contágio da COVID-19 frente à (re)emergência da luta antirracista, tendo como base os seguintes aspectos:

- (a) Racismo X Politicamente Correto;
- (b) Estátuas são registros históricos X Estátuas são homenagens indevidas;
- (c) A irresponsabilidade de protestar durante a pandemia X A necessidade de protestar, apesar da pandemia.

---

Disciplina: Filosofia

Professor: Murilo Vilaça

Orientações:

Espero que você esteja bem, na medida do possível!

**Atividade proposta:** refletir sobre o conceito de verdade por meio da poesia, do jornalismo, do cinema e da filosofia.

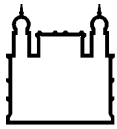
**Orientações:**

- **Leia a poesia (transcrita abaixo).**
- **Assista ao filme, se for possível/tiver acesso.**
- **Acesse o site (“FATO ou FAKE”) e leia ao menos três reportagens, atentando para o que a notícia afirma e como a checagem foi feita para confirmá-la ou desmenti-la.**
- **Se for possível, inscreva-se no evento (cartaz abaixo) e assista às palestras (sugiro especialmente a palestra de Ernesto Perini, intitulada “Quando duas crises se encontram – a pandemia de COVID-19 e o negacionismo científico”, que ocorrerá no dia 01/07, às 15:15).**
- **Leia os textos dos filósofos (Agamben e Yara) e tire suas conclusões.**

**1 – Poesia “A verdade dividida”, de Carlos Drummond de Andrade** (disponível em: <https://www.cultseraridades.com.br/verdade-dividida-poesia-de-carlos-drummond-de-andrade/> >).

## **A VERDADE DIVIDIDA**

**(Carlos Drummond de Andrade)**



A porta da verdade estava aberta  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só conseguia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.  
Chegaram ao lugar luminoso  
onde a verdade esplendia os seus fogos.  
Era dividida em duas metades  
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.  
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.  
E era preciso optar. Cada um optou  
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

2 – Site “FATO ou FAKE” (disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>>).

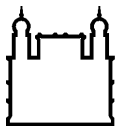
### 3 – Filme “Negação” (disponível na Netflix).

Sinopse (disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-237492/> >)

Deborah E. Lipstadt (Rachel Weisz) é uma conceituada pesquisadora que, em seu livro, ataca veementemente o historiador David Irving (Timothy Spall), que prega que o Holocausto não existiu e é uma invenção dos judeus para lucrar mais. Julgando-se prejudicado pelo que foi publicado, Irving entra com um processo por difamação contra Deborah. Só que, pelas leis britânicas, em casos do tipo é a ré quem precisa provar a veracidade da acusação. Logo ela se vê em uma disputa judicial que, mais do que envolver dois estudiosos da História, pode colocar em dúvida a morte de milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

4 – Palestra “Quando duas crises se encontram – a pandemia de COVID-19 e o negacionismo científico”: dia 01/07, às 15:15.





Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



# PENSANDO A PANDEMIA:

perspectivas filosóficas  
sobre a COVID-19

webinário bilingue internacional

1, 2, 8, 9 | JULHO | 2020

14:00 – 16:15

## 1|7 FILOSOFIA DA MENTE E E PSICOLOGIA

14:00 **BAHAR TUNGCENC** (University of Nottingham)

*What motivates people to do "social distancing"?  
A comprehensive analyses on a global sample*

15:15 **ERNESTO PERINI** (UFMG)

*Quando duas crises se encontram – a pandemia  
de COVID-19 e o negacionismo científico*

## 2|7 ÉTICA E EMOÇÕES

14:00 **CAROL HAY** (UMass Lowell)

*Pandemics: the poor get poorer*

15:15 **FLÁVIO WILLIGES** (UFSM)

*Aspectos morais e cognitivos das emoções  
desencadeadas pela crise da COVID-19*

## 8|7 FILOSOFIA DA CIÊNCIA

14:00 **CAILIN O'CONNOR** (University of California Irvine)

*Information Zombies and Hydroxychloroquine:  
Misinformation During the COVID-19 Pandemic*

15:15 **EROS CARVALHO** (UFERS)

*Filosofia da ciência em tempos de pandemia: o uso  
adequado do conhecimento científico em políticas públicas*

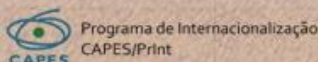
## 9|7 FILOSOFIA POLÍTICA

14:00 **JASON STANLEY** (Yale)

*( a anunciar )*

15:15 **AMARO FLECK** (UFMG)

*Da negação*

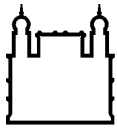


FILOSOFIA  $\Psi$  UF 11 G

inscrições e informações

[ufmgfilosvirtual@gmail.com](mailto:ufmgfilosvirtual@gmail.com)

(o link será enviado após inscrição)



Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



## 5 – A pandemia foi inventada para que os governos possam nos controlar mais facilmente?

( ) Sim (“A invenção de uma pandemia”, de Giorgio Agamben, filósofo italiano. Disponível em: <<https://medium.com/@sarawagneryork/a-inven%C3%A7%C3%A3o-de-uma-epidemia-d4a15dbf9f14>>.)

( ) Não (“Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção de uma pandemia”, da filósofa brasileira Yara Frateschi, professora da UNICAMP. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/>>.)

---

Disciplina: História

Professor: André Dantas

Orientações:

Olá, queridos e queridas! Espero que estejam todos bem e respeitando o isolamento social até que possamos retomar nossas atividades normais em segurança.

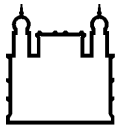
Antes de tratar do que faremos nesses próximos 15 dias, quero lembrar que sigo à disposição para os que tiverem dúvidas a resolver, pontos a aprofundar ou questões novas a apresentar. Meus contatos: (email: [andre.dantas@fiocruz.br](mailto:andre.dantas@fiocruz.br) e zap: 21-98616-2460).

Mas vamos lá:

1) Como vocês devem estar acompanhando, as manifestações populares contra o racismo que se espalharam pelo mundo após o brutal assassinato de George Floyd (homem, negro e cidadão norte-americano), por um policial (branco) norte-americano, têm posto abaixo monumentos públicos, estátuas, que enaltecem a memória de pessoas que, em vida, patrocinaram, defenderam, executaram ou se beneficiaram de práticas racistas, como o tráfico de escravos, por exemplo. Tais protestos reacenderam o debate sobre como se produz o que chamamos de história (quem conta o quê?; quem escolhe o que elogiar e o que repudiar?; quem tem voz e quem é silenciado?; como as opressões do passado se fazem presentes na atualidade?; como as resistências do presente reescrevem a história?);

2) Sendo assim, não podemos perder a oportunidade de refletir sobre essas questões, tal como faríamos se estivéssemos em sala de aula. **A ideia é que após a leitura do material que segue abaixo, você escreva livremente um texto, se posicionando sobre a polêmica**, justificando suas escolhas e posicionamentos e, adicionalmente, produza um vídeo, escreva um conto, faça um meme... que ajude a reforçar os argumentos apresentados no texto.





Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

OBS. Há bastante material disponível na imprensa e nas redes sociais (em texto e em vídeo) acerca do tema. Fiz uma seleção de três textos para apimentar a reflexão, mas você pode ficar à vontade para buscar outras referências, se desejar (só preciso que me aponte quais). Fica aqui uma sugestão de um site muito interessante (Conversa de Historiadoras), que preparou um dossiê sobre o tema (acesse pelo link: <https://conversadehistoriadoras.com/2020/06/21/dossie-estatuas/>). Dois dos textos que seguem retirei de lá, inclusive. Mas tem mais!

### TEXTO 1:

[pra conhecer o problema e se inteirar do debate]

FONTE: <https://oglobo.globo.com/mundo/estatuas-derrubadas-pelo-mundo-incendeiam-debate-sobre-falta-de-inclusao-na-historia-24478417>

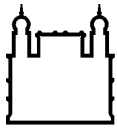
## Estátuas derrubadas pelo mundo incendeiam debate sobre a falta de inclusão na História

Ana Rosa Alves  
14 de junho de 2020



Estátua de Jefferson Davis, presidente dos Estados Confederados, que se opunham ao fim da escravidão na Guerra Civil Americana, é removida do Capitólio, a sede do Congresso em Washington Foto: BRYAN WOOLSTON / REUTERS

Uma das repercussões do movimento antirracista que seguiu o assassinato de George Floyd é o aprofundamento do debate sobre como e às margens de quem a História é contada. Estátuas de



escravocratas, gerais confederados e colonizadores foram derrubadas por manifestantes que as veem como símbolos de dominação, genocídio e violência, dando cara a uma antiga demanda para que as visões dominantes do passado sejam revistas.

Os episódios incendiaram um debate sobre o papel que os monumentos exercem e seu significado social. **Alguns historiadores** argumentam que as estátuas são patrimônios históricos e, portanto, devem ser preservadas. Removê-las, eles dizem, pode facilitar um esquecimento da História. **Outros**, no entanto, entendem as esculturas como ícones opressores que devem ser ressignificados.

O patrimônio público tem um papel-chave na formação da memória social, explica Amilcar Pereira, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Para ele, mudar a História não deveria ser um problema, pois a disciplina está em processo intermitente de construção. A seu ver, manter ou não os monumentos diz respeito ao tipo de sociedade em que desejamos viver.

— Queremos uma sociedade em que todos os seres humanos sejam tratados em termos de igualdade? Para isso, quais memórias precisamos celebrar, inclusive de maneira pública? — indaga o historiador. — Todo o movimento para derrubar estátuas de traficantes de pessoas escravizadas, de racistas, de gerais confederados vai no sentido de pôr em xeque a História contada através do patrimônio.

Questionar o significado destas obras não é um fenômeno novo: estátuas de Luís XV foram ao chão durante a Revolução Francesa, em 1789. Com o colapso soviético, bustos de Lenin e Stálin tiveram o mesmo destino. A imagem do fim do regime de Saddam Hussein é a derrubada de sua estátua em Bagdá, por soldados americanos. São, mais que tudo, sinais de rupturas de regime.

Para o historiador Kirk Savage, professor da História da Arte na Universidade de Pittsburgh, no entanto, o fenômeno atual deve ser compreendido de outra maneira:

— O que vemos nos Estados Unidos, e talvez no Brasil, é diferente, porque esses monumentos não são marcos de um regime político em particular. São símbolos da supremacia branca que está entremeada na formação dos nossos países e das nossas sociedades — diz o especialista em monumentos.

Nos Estados Unidos, segundo levantamento feito em 2019 pelo Southern Poverty Law Center, há ao menos 1.741 símbolos confederados, concentrados no Sul. Muitos deles são controversos desde que foram erguidos, majoritariamente entre 1890 e 1920, nos primeiros anos da segregação.

— Esses monumentos são representados como se fossem vencedores, mas, na realidade, os confederados perderam a Guerra Civil Americana — lembra Ana Lúcia Araujo, da Universidade Howard, especialista na história transnacional da escravidão. — De certa maneira, no entanto, a guerra simbólica foi ganha por eles, principalmente no Sul, onde a segregação continua bastante forte.

Nos EUA, o debate ganhou força em 2015, após o massacre de Charleston, na Carolina do Sul, quando nove negros foram mortos em um crime racial. Desde então, mais de 120 monumentos confederados foram removidos, mas muitas discussões e promessas não resultaram em nada.

Desta vez, no entanto, a demanda por uma revisão histórica é mais ampla, mirando exploradores como Cristóvão Colombo, que descobriu o continente americano em 1492 — estátuas suas foram vandalizadas em várias cidades dos Estados Unidos e do México — e

[colonizadores como o rei belga Leopoldo II. Até mesmo Winston Churchill, herói da Segunda Guerra, tornou-se alvo graças a partes controversas de seu legado.](#)

## **Espaço para contexto**

O que fazer com estas obras é uma discussão paralela. Historiadores que defendem as remoções apresentam algumas hipóteses: podem ser levadas para parques de estátuas, como os construídos na Europa Oriental para abrigar esculturas soviéticas; outra opção é levá-las para museus, onde podem ser discutidas e contextualizadas. No entanto, o alto custo de manutenção e a falta de espaço e interesse podem ser empecilhos.

Lidar com a memória de um passado opressor é um esforço universal. Na Alemanha, símbolos e apologias ao nazismo são proibidos. Na França, negar o Holocausto é crime. A Argentina cogita implementar uma lei similar contra aqueles que negarem a ditadura no país. Em Buenos Aires, é proibido que espaços públicos tenham o nome de funcionários do regime militar.

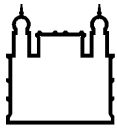
A Espanha, por sua vez, tem sua Lei de Memória Histórica, que, entre outros aspectos, determina a remoção de símbolos franquistas de prédios e espaços públicos. Em 2019, após um prolongado imbróglio judicial, o corpo do ditador Francisco Franco (1939-1975) foi exumado. Seus restos mortais foram retirados do Vale dos Caídos, memorial para vítimas da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) que vinha se tornando destino da extrema direita europeia.

No Brasil, uma lei de 2013 exige que ruas não levem o nome de figuras que defendam ou sejam relacionadas com a escravidão. No fim de 2019, o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), sancionou uma lei distrital que proíbe o uso de nomes de torturadores reconhecidos pela Comissão da Verdade em espaços públicos. A cidade de São Paulo, em paralelo, tem um projeto para renomear ruas que homenageiam figuras da ditadura. Entre 2015 e o início de 2020, cinco logradouros tiveram seus nomes trocados. Restam ao menos 33.

## **Borba gato**

Por aqui, a polêmica dos monumentos também não vem de hoje. Em 2019, o desfile histórico da Mangueira levou à Sapucaí uma réplica do Monumento às Bandeiras coberto com o sangue indígena e com palavras como “ladrões” e “assassinos”. Três anos antes, a escultura original, no Parque do Ibirapuera, amanheceu coberta de tinta, tal qual a estátua de Manuel de Borba Gato, também na capital paulista.

A representação do bandeirante está no centro do debate atual: motivados pelo movimento internacional, internautas passaram a defender sua remoção. O escritor e jornalista Laurentino Gomes, autor de duas séries sobre a História do Brasil — a primeira inclui o best-seller “1808”, e a trilogia mais recente, “Escravidão” (Globo Livros), terá o segundo volume lançado este ano —, se posicionou contra, defendendo que a imagem deve ser preservada “como objeto de estudo e reflexão”, desencadeando um debate público sobre o assunto. Para Amilcar Pereira, por exemplo, a estátua deveria ser posta em um museu:



— Ao meu ver, a praça pública não é um lugar para exaltar uma pessoa que causou tanta dor a partir de uma perspectiva tão colonizadora, violenta e hierarquizante — afirma o historiador.  
— Essa discussão passa por entender os privilégios estabelecidos na sociedade brasileira, e a população branca precisa entender que o Brasil tem no racismo uma marca fundamental.

---

Disciplina: Língua Estrangeira

Professoras: Andrea Antunes e Renata Rocha

Orientações:

**¡Hola! ¿Qué tal estás?  
Estamos en el V Ciclo de actividades, ¿verdad?  
Vamos a trabajar con el tema: Espanglês/ Spanglish**

Nós, da equipe de Línguas Adicionais, esperamos que todos estejam bem!

Para este ciclo, propomos uma atividade que introduz uma reflexão sobre a questão do *Espanglês*: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês. Por uma questão didática, introduziremos o tema da seguinte maneira:

- 1- **TEXTO I:** pequena introdução sobre o *Espanglês*: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês.
- 2- **RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”:** breve apanhado sobre tal filme.
- 3- **COMO ACESSAR O FILME:** link de acesso para download do filme no áudio original (inglês e espanhol), com legendas em português.
- 4- **QUESTÕES SOBRE O FILME:** algumas perguntas para guiá-los na reflexão sobre o filme.

**TEXTO I:**

### **O que é Espanglês/ Spanglish?**

É uma mistura dos idiomas espanhol e inglês (em inglês, spanish e english), como o próprio nome indica. Apesar de não ser uma língua reconhecida oficialmente, o *spanglish* é falado em várias partes dos Estados Unidos, onde a imigração latina é forte, no México e em



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

alguns países da América do Sul, como Venezuela. A miscelânea verbal já é objeto de estudo em universidades e tema de dicionário.

"A data de nascimento oficial do spanglish é a mesma da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, quando o México perdeu dois terços de seu território - com a população que morava nessa terra - para os Estados Unidos", diz o linguísta Ilán Stavans, professor do primeiro curso universitário de spanglish, na Universidade de Amherst, em Massachusetts.

A forma híbrida de comunicação envolve três estratégias. A primeira é a mistura de palavras em espanhol e inglês na mesma sentença e num vaivém constante. Algo como "me voy de vacation then next semana" (vou sair de férias na próxima semana).

A segunda é a tradução literal de palavras e expressões, como "Te llamo para atrás" no lugar de "I'll call you back" (retornarei sua ligação).

"A terceira é a criação de novas palavras", afirma Stavans, que reuniu cerca de 6 mil exemplos do idioma no livro *Spanglish: American Language* ("Spanglish, a língua americana", inédito em português). (porto-riquenho de Nova York), rufo parquear (do inglês park, "estacionar").



The Making of a New  
construção de uma nova  
Entre as pérolas, nuyorrican  
(que vem de roof, "teto") e

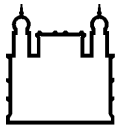
## RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”:

### Espanglês– filme

Uma doméstica mexicana, Flor Moreno, decide partir para os Estados Unidos com a sua filha, Cristina Moreno, em busca de novas oportunidades. Ao chegar, começa a trabalhar na casa de uma rica família americana. Cumprindo as suas tarefas, a mexicana vê a necessidade de aprender a falar inglês devido às dificuldades de comunicação e adaptação à nova cultura. Sua filha, Cristina, sente-se muito empolgada com todas as mudanças, principalmente por saber falar inglês, mas ainda precisa ser a intérprete da mãe que não entende outra língua. Entretanto, Flor vê-se na necessidade de aprender inglês e ao fim de um tempo começa a falar fluentemente esta língua. Flor Moreno acaba por se envolver romanticamente com o patrão após uma grande discussão entre este e Deborah Clarsky.

### COMO ACESSAR O FILME:





<https://drive.google.com/drive/folders/1FYGoZscQdfZHvXmbRbH9Q9unHRueYt6z?usp=sharing>

## QUESTÕES SOBRE O FILME:

Levando em conta o TEXTO I, o resumo sobre o filme e o próprio filme, reflita sobre as questões abaixo:

1. Aponte pontos positivos e negativos acerca do conceito de *sonho americano*, apresentado no filme.
2. Por que a personagem Flor tem tanta resistência para aprender a língua inglesa, como foi percebido durante boa parte do filme?
3. O “spanglish” é considerado pelos gramáticos uma miscelânea verbal e, apesar de não ser uma língua oficial, é falado em várias partes dos EUA onde a imigração latina é forte. O que o filme nos faz pensar sobre isso?
4. Como você explicaria o antagonismo apresentado entre as personagens Flor e Débora?

¡Qué nos veamos pronto!Profesora



---

Disciplina: Língua Estrangeira

Professora: Luciana Figueiredo

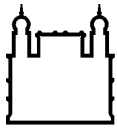
Orientações:

Olá, tudo bem com vocês?

Nós, da equipe de línguas estrangeiras, esperamos que todos estejam bem =>

Para este ciclo, propomos uma atividade que introduz uma reflexão sobre a questão do *espanglês*: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês. Tal atividade está dividida em quatro partes:

- 1- TEXTO I: pequena introdução sobre o *espanglês*: uma mistura dos idiomas espanhol e inglês.



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
**Fundação Oswaldo Cruz**



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE  
JOAQUIM VENÂNCIO

- 2- RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”: breve apanhado sobre tal filme.
- 3- COMO ACESSAR O FILME: link de acesso para download do filme no áudio original (inglês e espanhol), com legendas em português.
- 4- QUESTÕES SOBRE O FILME: algumas perguntas para guiá-los na reflexão sobre o filme.

Obrigada ! =D

Beijos

---

## **TEXTO I:**

### **O que é spanglish/ espanglês?**

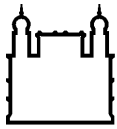
É uma mistura dos idiomas espanhol e inglês (em inglês, spanish e english), como o próprio nome indica. Apesar de não ser uma língua reconhecida oficialmente, o spanglish é falado em várias partes dos Estados Unidos, onde a imigração latina é forte, no México e em alguns países da América do Sul, como Venezuela. A miscelânea verbal já é objeto de estudo em universidades e tema de dicionário.

"A data de nascimento oficial do spanglish é a mesma da assinatura do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, quando o México perdeu dois terços de seu território - com a população que morava nessa terra - para os Estados Unidos", diz o linguísta Ilán Stavans, professor do primeiro curso universitário de spanglish, na Universidade de Amherst, em Massachusetts.

A forma híbrida de comunicação envolve três estratégias. A primeira é a mistura de palavras em espanhol e inglês na mesma sentença e num vaivém constante. Algo como "me voy de vacation then next semana" (vou sair de férias na próxima semana).

A segunda é a tradução literal de palavras e expressões, como "Te llamo para atrás" no lugar de "I'll call you back" (retornarei sua ligação).

"A terceira é a criação de novas palavras", afirma Stavans, que reuniu cerca de 6 mil exemplos do idioma no livro Spanglish: The Making of a New American Language ("Spanglish, a construção de uma nova língua americana", inédito em português). Entre as pérolas, nuyorrican (porto-riquenho de Nova York), rufo (que vem de roof, "teto") e parquear (do inglês park, "estacionar").



---

## RESUMO DO FILME “ESPANGLÊS”:

### Espanglês - filme

Uma doméstica mexicana, Flor Moreno, decide partir para os Estados Unidos com a sua filha, Cristina Moreno, em busca de novas oportunidades. Ao chegar, começa a trabalhar na casa de uma rica família americana. Cumprindo as suas tarefas, a mexicana vê a necessidade de aprender a falar inglês devido às dificuldades de comunicação e adaptação à nova cultura. Sua filha, Cristina, sente-se muito empolgada com todas as mudanças, principalmente por saber falar inglês, mas ainda precisa ser a intérprete da mãe que não entende outra língua. Entretanto, Flor vê-se na necessidade de aprender inglês e ao fim de um tempo começa a falar fluentemente esta língua. Flor Moreno acaba por se envolver romanticamente com o patrão após uma grande discussão entre este e Deborah Clarsky.

---

### COMO ACESSAR O FILME:

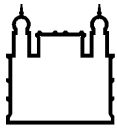
<https://drive.google.com/drive/folders/1FYGoZscQdfZHvXmbRbH9Q9unHRueYt6z?usp=sharing>

---

### QUESTÕES SOBRE O FILME:

Levando em conta o TEXTO I, o resumo sobre o filme e o filme em si, reflita sobre as questões abaixo:

- 1- Aponte pontos positivos e negativos acerca do conceito de *sonho americano*, apresentado no filme.
- 2- Por que a personagem Flor tem tanta resistência para aprender a língua inglesa, como foi percebido durante boa parte do filme?
- 3- O “spanglish” é considerado pelos gramáticos uma miscelânea verbal e, apesar de não ser uma língua oficial, é falado em várias partes dos EUA onde a imigração latina é forte. O que o filme nos faz pensar sobre isso?
- 4- Como você explicaria o antagonismo apresentado entre as personagens Flor e Débora?



Disciplina: Literatura

Professora: Gabrielle Paulanti

Orientações:

Leituras

- Conto 'A Cartomante' de Machado de Assis (Anexo)
- Conto 'A igreja do diabo' de Machado de Assis (Anexo)

Conteúdo audiovisual online

Filme 'Memórias Póstumas de Brás Cubas'

<https://www.youtube.com/watch?v=PoAlwJAJQZs>

Série 'Capitu' da Rede Globo

[https://www.youtube.com/watch?v=d2acO\\_d0f30](https://www.youtube.com/watch?v=d2acO_d0f30)

Por que Machado de Assis é genial?

[https://www.youtube.com/watch?v=9\\_cQ3Nc-U2A](https://www.youtube.com/watch?v=9_cQ3Nc-U2A)

Disciplina: Literatura

Professora: Suelen Barbosa

Orientações:

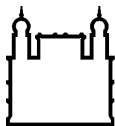
I-Faça uma análise do poema a seguir para que sirva como base na construção de uma narrativa (ou mesmo de um poema) acerca do seu caminhar pela vida.

“Sou feita de retalhos”

Sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma.



Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar-se, um dia, um imenso bordado de nós”.

Criz Pizziment

“Viver é um rasgar-se e remendar-se”, Guimarães Rosa

<http://www.50emails.com.br//poema-sou-feita-de-retalhos-nao-e-de-autoria-de-cora-coralina/>

---

Disciplina: Matemática

Professor: Felipe Granato

Orientações:

Link do Artigo(resumo) para leitura e uso nas tarefas da lista de exercícios de poliedro.

<https://docplayer.com.br/71198192-Poliedros-ma13-unidade-22-resumo-elaborado-por-eduardo-wagner-baseado-no-texto-a-caminha-m-neto-geometria-colecao-profmat.html>

---

Disciplina: Química

Professor: Marcos Vinícius Motta

Orientações:

## **ISOMERIA**

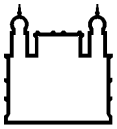
→ **Conceito**

É o fenômeno pelo qual dois ou mais compostos diferentes apresentam a mesma fórmula molecular.

### **ISOMERIA PLANA**

Ocorre entre compostos de mesma fórmula molecular, porém com fórmulas estruturais diferentes.





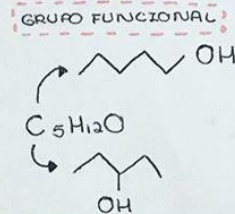
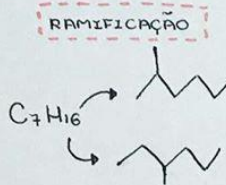
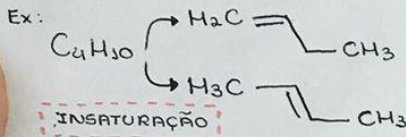
# isomeria plana

↳ SUBSTÂNCIAS ORGÂNICAS DIFERENTES QUE POSSUEM A MESMA FÓRMULA MOLECULAR

## POSIÇÃO

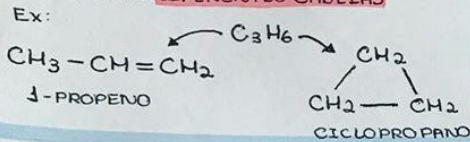
↳ PERTENCEM À MESMA FUNÇÃO E CADEIA, PORÉM DIFEREM NA POSIÇÃO DE:

- **INSATURAÇÃO** (DUPLA LIGAÇÃO;  $-C=$ )
- **GRUPO FUNCIONAL**
- **RAMIFICAÇÃO**



## CADEIA

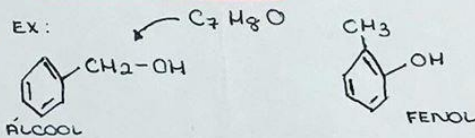
↳ PERTENCEM À MESMA FUNÇÃO, MAS APRESENTAM DIFERENTES CADEIAS



## FUNÇÃO

↳ POSSUEM MESMA FÓRMULA MOLECULAR, PORÉM SÃO DE GRUPOS FUNCIONAIS DIFERENTES

- **ÁLCOOL / ÉTER (E FENOL)**
- **ALDEÍDO / CETONA**
- **ÉSTER / ÁC. CARBOXÍLICO**

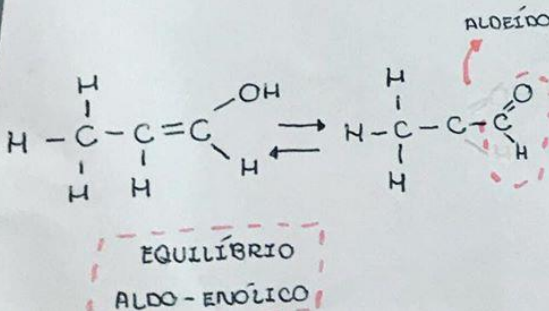
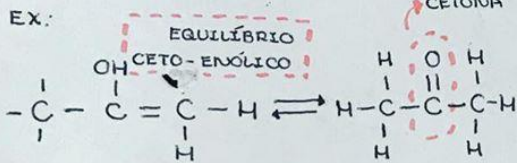


## TAUTOMERIA

(EQUILÍBRIO DINÂMICO)

↳ ACONTECE QUANDO ISÔMEROS COEXISTEM EM EQUILÍBRIO, SE TRANSFORMAM

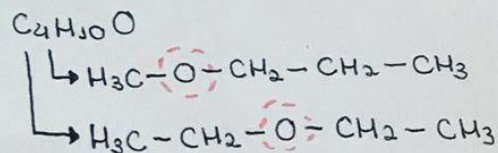
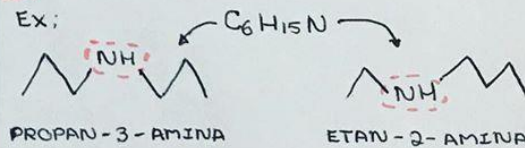
- ENOL / CETONA
- ENOL / ALDEÍDO



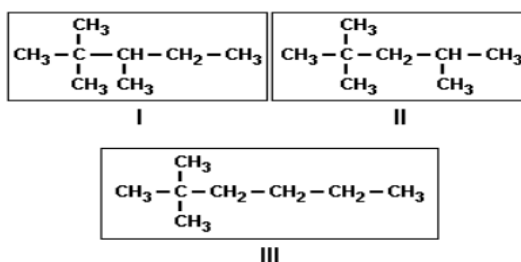
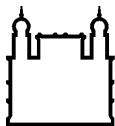
## METAMERIA

(OU COMPENSAÇÃO)

↳ POSSUEM MESMA FUNÇÃO ORGÂNICA, EM QUE APENAS HETEROÁTOMOS TÊM POSIÇÃO DIFERENTE

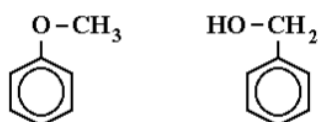


1) (UERJ) A gasolina é uma mistura de hidrocarbonetos diversos que apresenta, dentre outros, os seguintes componentes:



- a) cadeia e cadeia
- b) cadeia e posição
- c) posição e cadeia
- d) posição e posição
- e) cadeia e função

2) **(Cesgranrio)** Compare as fórmulas a seguir:



Nelas verificamos um par de isômeros de que tipo:

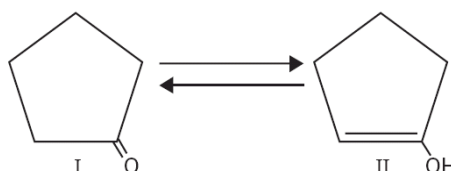
- a) cis-trans.
- b) de cadeia.
- c) de compensação.
- d) de função.
- e) de posição.

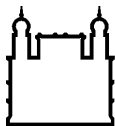
3) **(ENEM 2014)** A talidomida é um sedativo leve e foi muito utilizado no tratamento de náuseas, comuns no início da gravidez. Quando foi lançada, era considerada segura para o uso de grávidas, sendo administrada como uma mistura racêmica composta pelos seus dois enantiômeros (R e S). Entretanto, não se sabia, na época, que o enantiômero S leva à malformação congênita, afetando principalmente o desenvolvimento normal dos braços e pernas do bebê. COELHO, F. A. S. *Fármacos e quiralidade. Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola, São Paulo, n. 3, maio 2001 (adaptado).*

Essa malformação congênita ocorre porque esses enantiômeros:

- a) reagem entre si.
- b) não podem ser separados.
- c) não estão presentes em partes iguais.
- d) interagem de maneira distinta com o organismo.
- e) são estruturas com diferentes grupos funcionais.

4) **(UFJF)** É **correto** afirmar que (I) e (II) são:





Ministério da Saúde

FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz



- a) isômeros ópticos.
- b) isômeros de cadeia.
- c) tautômeros.
- d) isômeros geométricos.

5) (UFRJ) A seguir são apresentados três compostos orgânicos e suas respectivas aplicações:

Composto Orgânico	Aplicação
I) $\text{H}_3\text{C} - \text{H}_2\text{C} - \text{O} - \overset{\text{O}}{\parallel}{\text{C}} - \text{CH}_2 - \text{C} \overset{\text{O}}{\parallel} - \text{O} - \text{CH}_2 - \text{CH}_3$	Indústria Farmacêutica
II) $\text{CH}_3 - \text{CH}_2 - \text{NH} - \text{CH}_2 - \text{CH}_3$	Anestésico
III) $\text{CH}_3 - \text{CH}_2 - \text{O} - \text{CH}_2 - \text{CH}_3$	Solvente

- a) Quais as funções orgânicas dos compostos I e II?
- b) Qual a função orgânica do isômero funcional do composto III?